

Autoajuda e inclusão: empoderamento do corpo com deficiência nos dizeres midiáticos

Self-help and inclusion: empowerment of the disabled body in the media

Damião Francisco Boucher¹

Thiago Barbosa Soares²

Resumo: Analisa-se, neste artigo, o funcionamento discursivo dos discursos do sucesso, de autoajuda e da inclusão, engendrados nos dizeres midiáticos. Mediante aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso, precisamente pelas noções de memória, de interdiscurso, de processos polissêmicos e metafóricos, de pré-construído, objetiva-se compreender como o sintagma “empoderamento”, entre outros, trabalha na construção de efeitos de sentidos. O *corpus* é composto pela matéria da *Folha de S. Paulo*, intitulada “Conheça artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo”, publicada em 21 de março de 2024. Após o exame, sopesa-se o potencial heurístico do entrecruzamento dos discursos do sucesso midiático e de autoajuda para o espalhamento do discurso da inclusão.

Palavras-chave: Discurso do sucesso; Discurso de autoajuda; Inclusão.

Abstract: In this article, we analyze the discursive functioning of the discourses of success, self-help and inclusion engendered in the media. Through the theoretical-methodological apparatus of Discourse Analysis, precisely through the notions of memory, interdiscourse, polysemic and metaphorical processes, pre-constructed, objectively understand how the phrase “empowerment”, among others, works on the construction of effects of senses. The corpus is composed of an article from *Folha de S. Paulo*, entitled “Meet artists who question standards and combat ableism”, published on March 21, 2024. After the examination, the heuristic potential of the intersection of mediatic success and self-help discourses is weighed to spread the discourse of inclusion.

Keywords: Success discourse; Self-help discourse; Inclusion.

¹ Licenciatura em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Tocantins; Pós-graduado em Análise do Discurso Político e Jurídico pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro; Pós-graduado em Psicologia Junguiana pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro; Mestre em Letras com atuação nas áreas de Texto, Discurso e História pela Universidade Federal do Tocantins.

² Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014), em Filosofia pela Universidade de Franca (2014) e em Ciências Humanas pela Universidade Estácio de Sá (2023), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018).

Considerações iniciais

A partir da década de 1990, o discurso da inclusão no Brasil fortaleceu-se gradativamente, impulsionado por ações políticas e documentos como a Declaração da Educação para Todos (1990) e a Política Nacional de Educação Especial (1994). Essas iniciativas visavam democratizar a escola e o ensino, atendendo às necessidades de alunos excluídos por privações sociais ou deficiências físicas (Vizim, 2003). Dessa perspectiva, entende-se que o discurso da inclusão, ramificação atual de um discurso mais amplo, o de humanização da sociedade, propagado por governantes, agentes educacionais e outros, a cada dia, vem reforçando aparentemente a aplicação de práticas inclusivas, buscando construir um processo de ensino e aprendizagem, hipoteticamente, mais justo e igualitário (Cavallari, 2010). Nesse sentido, percebe-se que o referido discurso tem alcançado outros campos, como o midiático, ramificando-se e potencializando-se ao se entrecruzar com outros discursos cujo potencial heurístico possibilita a eficácia de sua aceitabilidade discursiva, isto é, “aquilo que causa a adesão dos sujeitos por analogias ou comparações” (Boucher; Soares, 2022, p. 123) as quais, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 434), permitem “reconstruir um tema consoante em uma estrutura plausível, reconstrução ainda mais útil porquanto essa estrutura não pode ser conhecida diretamente”.

Na esteira de sua potencialização pelo discurso midiático, o discurso da inclusão se entrecruza com dois discursos arquipotentes, a saber, os discursos do sucesso e de autoajuda (Soares, 2018a), os quais contribuem para o esgarçamento dos sentidos de diversos elementos linguísticos, como os sintagmas “empoderamento”, “pessoa com deficiência”, entre outros sintagmas da formação discursiva da inclusão. Diante desse entrecruzamento de efeitos de sentidos empreendido na intersecção dos campos político, pedagógico e midiático, analisa-se, neste artigo, o funcionamento discursivo dos discursos do sucesso, de autoajuda e da inclusão engendrados nos dizeres midiáticos. Mediante o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso, precisamente pelas noções de memória, de interdiscurso, de processos polissêmicos e metafóricos, de pré-construído, essenciais para a compreensão do funciona-

mento discursivo, objetiva-se compreender como o sintagma “empoderamento”, entre outros, trabalha na construção de efeitos de sentidos os quais projetam a dissolução da exclusão, e mais, o alcance quase integral da inclusão a partir dos discursos do sucesso midiático e de autoajuda.

Quanto ao *corpus*, este é constituído pelos dizeres do jornal *Folha de S. Paulo*, a partir de uma matéria intitulada “Conheça artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo”, publicada em 21 de março de 2024. A seleção desse *corpus* é justificada precisamente pela difusão considerável, isto é, a radicalização do discurso da inclusão que, como mencionado inicialmente, vem se ramificando e se consolidando em todos os campos dos saberes humanos, sobretudo no campo político-midiático, ao ponto de produzir uma representação de plenitude da inclusão, como se a exclusão fosse exceção. Para a verificação de tal expansão, nessa análise, também serão consideradas outras materialidades discursivas que servirão como suporte interdiscursivo ao *corpus* principal. Ao final do rastreamento dos efeitos de sentidos nos dizeres midiáticos, reflete-se acerca do potencial heurístico do entrecruzamento dos discursos de sucesso midiático e de autoajuda para o espraio do discurso da inclusão.

Considerações teórico-metodológicas

A Análise do Discurso (AD), conforme destaca Soares (2018b), caracteriza-se pela convergência de três áreas do conhecimento: a) a linguística, que estuda a estrutura e o funcionamento da língua; b) o materialismo dialético, o qual propõe uma visão crítica da sociedade e das relações de poder e; c) a psicanálise, a qual tem o papel de explorar os processos inconscientes que influenciam o comportamento humano. Tal interseção e convergência de campos distintos permitem que a AD examine os discursos em sua totalidade, considerando não apenas os aspectos linguísticos, mas também as relações sociais e os processos subjetivos de construção e reprodução de sentidos que permeiam esses discursos. De outro modo, a AD não procura investigar “a verdade” no discurso, mas busca compreender seu funcionamento e como dado discurso afeta os sujeitos e os sentidos, levando em conta as condições

de produção, de emergência e de circulação social e histórico em que esse discurso é produzido.

A partir dessa interseção entre noções, tomadas de diferentes campos do saber humano e subordinadas a uma regra de não separação de forma e de conteúdo, procura-se, como destaca Orlandi (2015, p. 17), “compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento”. Desse ponto, entende-se o objeto da AD como uma noção que ultrapassa o chapado esquema de transmissão de informação e desmistifica “a linearidade na disposição dos elementos da comunicação” (Orlandi, 2015, p. 19). Ao irromper as fronteiras dos três campos citados que compõem a AD, Pêcheux (1997) constitui um novo objeto, a saber, o discurso cujo funcionamento afeta as demais formas de conhecimento. Como o próprio autor destaca, “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 1997, p. 82).

Ao considerar o discurso como uma materialidade sutil, percebe-se o âmbito de seu trabalho e sua natureza heterogênea, distanciando-se da ideia de língua. Assim, o discurso não é fala ou mensagem, mas se constitui nessas materialidades por meio da língua (Orlandi, 2015). Como efeitos de sentidos entre interlocutores, o discurso torna-se um prolongamento histórico dos dizeres, um interdiscurso acobertado por “um campo magnético de rupturas”, a saber, o espaço/tempo e esquecimentos de ordem enunciativa e ideológica (Pêcheux, 1997), os quais se encarregam da força de repulsão, ou melhor, dos efeitos de distanciamento e de ruptura entre o acontecimento atual e as memórias (Achard, 2015). Dessa perspectiva, compreende-se que o discurso, como efeito de sentidos, é a materialidade que exerce uma força atrativa a qual permite a junção das memórias, das paráfrases com a atualidade enunciativa, formando pré-construídos, ou seja, “uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação” (Courtine, 2014, p. 74).

Ainda sobre essa noção, pode ser dito que, de acordo com Courtine (2014, p. 74), o pré-construído sinaliza indícios de “um descompasso entre o interdiscurso como lugar de construção do pré-construído e o intradiscurso

como o lugar da enunciação de um sujeito”. Assim, grupos de sintagmas já-ditos e já esquecidos no prolongamento histórico podem emergir como pré-construídos, formando o conjunto interdiscursivo de determinadas formações discursivas³. Esse “descompasso”, constatado por Courtine (2014), permite o assujeitamento do sujeito à ordem do discurso, uma vez que esse enunciador, subordinado também às condições de produção, de emergência e de circulação dos discursos e à dada formação discursiva, é levado a interpretar os sentidos dos pré-construídos como uma realidade imposta sob a forma de um sintagma universal, de “um ‘sempre-já ali” (Pêcheux, 1975 apud Courtine, 2014, p. 76, aspas do autor), de um termo que retorna sentidos preexistentes no prolongamento de certos discursos.

Como exemplo desse prolongamento, tem-se o discurso de humanização, um movimento de luta e de resistência contra o trato com a pessoa com deficiência, o qual se torna latente a partir de 1985 (Costa *et al.*, 2016), deixando o paradigma da integração para outro teoricamente mais humanizador, a saber, o discurso da inclusão. Essa breve exemplificação possibilita compreender a natureza heterogênea dos discursos como a materialização histórica das formações ideológicas dominantes de cada época. Tais ideologias materializadas no discurso de humanização permitiram a mudança gradativa da forma de enxergar a pessoa com deficiência. No entanto, como referido anteriormente, tanto o espaço/tempo quanto os esquecimentos de ordem enunciativa e de natureza ideológica (Pêcheux, 1997) funcionam como um campo magnético de rupturas, os quais, distanciando a anterioridade e a exterioridade dos já-ditos (Courtine, 2014), causam a ilusão de originalidade enunciativa.

Assim, o discurso como acontecimento também provoca o esgarçamento dos sentidos ao perturbar as memórias e ao causar a interrupção da regularidade enunciativa (Pêcheux, 2015a), a partir de cada formação social constitutiva dos sujeitos. É por meio dessa formação social, ou melhor, dessa formação ideológica, materializada por um conjunto de dizeres, o qual regula o que pode e deve ser dito, denominado formação discursiva (Pêcheux, 1997), que é possível notar o funcionamento discursivo e, logo, as variações de percep-

³ Inserida em uma interdiscursividade, “*um discurso transverso*, a partir do qual se realiza a articulação com o que o sujeito enunciador dá coerência ‘ao fio de seu discurso” (Courtine, 2014, p. 75, aspas e itálico do autor).

ção do conhecimento engendradas em cada enunciação. Portanto, é somente a partir do exame das condições de produção, de emergência e de circulação dos discursos, bem como a observação da posição social ocupada pelo sujeito enunciador, que se torna possível a dissipação das ilusões que recobrem um dado acontecimento discursivo.

Por essa razão, compreende-se que a posição a qual o analista do discurso ocupa promove a possibilidade de vislumbrar os efeitos de sentidos, não como um funcionamento do que está posto em dado enunciado, nem como uma simples reconstituição “de frases escutadas no passado” (Achard, 2015, p. 17), mas como um acontecimento discursivo o qual se constitui, segundo Pêcheux (2015b, p. 16), “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, projetando imagens sobre dado recorte espaço-temporal. De outro modo, o discurso como acontecimento desregula e desloca os pressupostos e subentendidos associados “ao sistema de regularização anterior” (Pêcheux, 2015a, p. 46), a partir do que Pêcheux (1997, p. 82) denomina formações imaginárias, ou seja, projeções que “designam o lugar que A e B atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”, por meio de suas formações discursivas.

Essa outra possibilidade de percepção permite compreender: a) que o interdiscurso, isto é, o eixo vertical dos já-ditos, das memórias discursivas (Orlandi, 2015), oferece carga semântica aos elementos linguísticos do intradiscurso (Courtine, 2014), do eixo horizontal no qual se apresentam as possibilidades enunciativas; b) que o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, passa de um lugar empírico para uma posição discursiva na qual as interações enunciativas são determinadas por relações de força; c) que as formações imaginárias, como projeções ideológicas, estabelecem as relações entre as circunstâncias (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas circunstâncias) (Pêcheux, 1997); e d) que a posição da qual fala o sujeito é constitutiva do seu dizer (Orlandi, 2015). Portanto, em suma, os sentidos não se encontram arraigados no sistema linguístico, mas são constituídos por um conjunto de elementos externos a eles no qual a luta de classes e os interesses políticos e econômicos, materializados nas formações ideológicas

de cada sujeito enunciador, também determinam sua convergência ou divergência para dado campo semântico.

Por esse motivo, o poder de difusão dessas formações ideológicas, a partir de instituições consagradas como a mídia, colocam-nas em uma posição de destaque frente ao universo de formações existentes, porquanto o poder midiático é pautado na capacidade de visibilidade extrema de dado acontecimento e de cada sujeito envolvido nesse recorte histórico, uma vez que a capilaridade ampla dos dizeres midiáticos abrange um número considerável de consumidores de informação. Assim, constata-se que, na produção dos sentidos midiáticos, essa visibilidade extrema é causada pelos efeitos do sucesso (Soares, 2018a) e, por ser constituído pela mídia, é chamado “de discurso do sucesso midiático” (Soares, 2022, p. 37). Sobre a relevância desse poder de difusão, Soares (2022, p. 37) destaca que “desde muito tempo a mídia desempenha um grande papel na sociedade brasileira. Mais do que divertir e informar, a mídia gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”.

Assim como qualquer outra instância enunciativa, a mídia, como um sujeito-instituição, é alinhada à dada formação discursiva para fazer trabalhar seus interesses políticos e econômicos. De acordo com Soares (2018b, p. 117), “é na historicidade que os mecanismos de construção do discurso ganham sentido, como é o caso da formação discursiva”. E se a mídia é reguladora dos discursos circulantes, ela também é regulada por fatores de ordem ideológica, política e, sobretudo, econômica. Nesse mesmo ponto de vista, Haroche *et al.* (1971, p. 102) destacam que “à ces rapports correspondent des positions politiques et idéologiques, qui ne sont pas le fait d'individus, mais qui s'organisent en formations entretenant entre elles des rapports d'antagonism, d'alliance ou de domination”⁴. Por essa razão, ao longo de sua história, formam-se famílias parafrásticas, conjunto de diretrizes e parâmetros enunciativos os quais delimitam e orientam aquilo que a mídia pode ou deve dizer sobre dado acontecimento, sempre orientada por essas relações de antagonismo, de aliança ou de dominação (Haroche *et al.*, 1971).

⁴ Tradução livre: “a essas relações correspondem posições políticas e ideológicas, que não são obra de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm relações de antagonismo, aliança ou dominação entre si”.

Quando formações ideológicas dominantes de dada sociedade, como o discurso de humanização (os discursos da exclusão, da normalização, da integração, da inclusão), entram em embate com outras, a mídia precisa se alocar em posições que não entrem em conflitos com seus interesses políticos e econômicos e, pela escolha de sua posição ideológica, tirar maior proveito mercadológico. Sobre esse último interesse midiático, Soares (2018a, p. 170) assevera que “fazer parecer é um dos mais essenciais usos da mídia”. E nesse “fazer-parecer”, acaba por criar representações como se fossem a própria realidade por meio de suas projeções arquipotentes, a saber, os discursos do sucesso midiático que afetam os sentidos e os sujeitos.

Dessa maneira, o sucesso não se apresenta como um simples elemento linguístico ou textual, nem mesmo é somente uma posição discursiva. Esse efeito de sentido trabalha no apagamento, ou melhor, no silenciamento constitutivo (Orlandi, 2007) de realidades nas quais a exclusão é a regra. Cabe ressaltar que o silêncio constitutivo funciona a partir do alto-relevo enunciativo que se dá a um dado assunto, como o sucesso de sujeitos com deficiência. Ao fazê-lo, apaga-se “necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2007, p. 73). Em contrapartida, o sucesso opera também nas assimetrias entre sujeitos, delimitando os espaços comuns e de alto prestígio. Segundo Soares (2018a, p. 178), “sucesso é uma expressão das forças contrastivas nos discursos circulantes na sociedade”. Por isso, entrelaçado a outros discursos, como os de autoajuda, do mérito, da riqueza, entre outros, o discurso do sucesso midiático, segundo Soares (2018a, p. 170), torna-se poderosíssimo “para a promoção simbólica do sucesso como um desejo”, concebendo também o discurso de autoajuda “não apenas como uma mera mercadoria, mas como uma substituta do pensamento filosófico” (Soares, 2018a, p. 170).

Por meio desse trajeto teórico-metodológico, foi possível observar o papel de cada noção que possibilita perceber o funcionamento discursivo como uma materialidade sutil, trabalhando no entremeio do sistema linguístico como uma força enunciativa que une duas condições de produção: o sócio-histórico (a exterioridade e anterioridade de recortes históricos, que são acionados a partir de memórias (Achard, 2015), de já-ditos e já esquecidos) e o imediato (a

enunciação em um acontecimento discursivo atual) (Orlandi, 2015). Após esse percurso, cujo objetivo foi delimitar o instrumental teórico-metodológico capaz de dar conta dos fenômenos linguístico-discursivos do *corpus* selecionado, passa-se à seção de análise.

Análise: o discurso do sucesso midiático a serviço da inclusão

Nesta seção, por meio do ferramental teórico-metodológico exposto anteriormente, analisa-se o entrelaçamento de diversos discursos como o discurso do sucesso midiático e de autoajuda a partir da matéria da *Folha de S. Paulo*, intitulada “Conheça artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo”, publicada em 21 de março de 2024 e de outros recortes midiáticos. A referida materialidade discursiva será dividida em três Sequências Discursivas (doravante SDs) para uma melhor didatização. Na SD1 investiga-se, na base intradiscursiva, o posicionamento discursivo tomado pelo sujeito enunciador *Folha de S. Paulo*, bem como a composição sintático-semântica e os processamentos metafóricos que conduzem o leitor a um imaginário no qual a inclusão é uma luta praticamente superada. Na SD2, examina-se a retomada dessas projeções de superação da inclusão a partir dos efeitos de engajamento da sociedade; na SD3, analisa-se o discurso do sucesso midiático a partir de pré-construídos do sucesso (Soares, 2018a) e de suas reverberações que emergem do campo interdiscursivo.

Por fim, paralelo à análise dessas três Sequências Discursivas, no processo de verificação do interdiscurso, das memórias da humanização, verifica-se como os discursos do sucesso midiático e de autoajuda se entrelaçam para potencializar os dizeres sobre a inclusão nas redes midiáticas e projetá-los como pauta consolidada, apagando (Orlandi, 2007) diferentes realidades de exclusão. Sobre o funcionamento do silenciamento constitutivo, serão examinadas, nas três Sequências Discursivas, as condições de emergência desse discurso para fazer acareação sobre o que se diz e como se diz, ou seja, a construção enunciativa da representação da realidade, mas também a própria realidade da inclusão a partir das condições de produção desse discurso. Feitas essas considerações, passa-se à descrição do sujeito enunciador.

Inicialmente, pode-se afirmar que o Grupo Folha representa um dos conglomerados de mídia do País, controlando o jornal *Folha de S. Paulo*, seu site noticioso (folha.com.br), o Datafolha, muito conhecido no País, a Folha-press, agência de notícias, bem como o CTG-F, Centro Tecnológico Gráfico-Folha, um dos maiores e mais modernos parques gráficos da América Latina. (Folha, 2024). Por se tratar de um enorme conglomerado, fica pressuposto que a Folha exerce uma considerável influência na forma como os fatos são selecionados e discursivizados. Apesar de se autodefinir como apartidário e pluralista, seus conteúdos publicados giram em torno de um posicionamento de resistência, trazendo pautas como “democracia e direitos humanos”, “liberalismo econômico”, “progressismo social”, defendendo a igualdade de gênero, a justiça racial, os direitos LGBTQI+, bem como a pauta da inclusão de pessoas com deficiência em todos os âmbitos sociais. Assim, seu posicionamento configura-se como uma formação discursiva antagônica ao conservadorismo. Após examinar o posicionamento discursivo do sujeito enunciator Folha, passa-se à análise da SD1:

SD1: Conheça artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo

Protagonizar suas histórias, seja no palco, seja nas telas, seja na música. Esse é o desejo expresso por João Paulo Lima, de 41 anos, artista e professor de dança na UFC, a Universidade Federal do Ceará. [...] "Foram histórias apagadas por muito tempo", diz. [...] "Descobri que pela dança consigo desobstruir meus incômodos e falar sobre empoderamento do corpo com deficiência" (Ferreira, 2024).

Inicialmente, no título da matéria, percebem-se os efeitos de embate. De um lado, “artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo”, do outro, pressupostamente aqueles que promovem padrões excludentes e fomentam o capacitismo. De início, o sintagma “artistas”, no plural, causa o efeito de coletividade. O mencionado sintagma também provoca o efeito de generalização. Quais artistas? Circense, de rua, comuns ou artistas de sucesso? Esse questionamento é respondido na SD3, a qual deixa explícito se tratar de artistas midiáticos de sucesso. No entanto, na SD1, os artistas não estão envolvidos dos atributos do sucesso midiático, são sujeitos comuns, como “João Paulo Lima, de 41 anos, artista e professor de dança na UFC, a Universidade

Federal do Ceará”. O sujeito enunciator *Folha* também produz a fala de João Paulo Lima, a saber, "Foram histórias apagadas por muito tempo", colocada entre aspas e provocando outros efeitos não tão perceptíveis à primeira vista.

Ora, segundo Soares (2018b, p. 198), são nas aspas que se apresentam os princípios polifônicos, “por trazerem a voz de outros para dentro do texto. Dão a essa voz, um lugar próprio: o lugar do outro. Por esse recurso, podem-se trazer outros autores, ou melhor, suas ideias para o interior do texto e com elas travarem diálogos com a devida distância marcada”. Por essa razão, ao discursivizar que “Foram histórias apagadas por muito tempo”, o enunciator *Folha* produz um efeito de afirmação pressuposta, que nesse ponto atual da história não será mais apagada, uma vez que a mídia, como a *Folha de S. Paulo*, procura agora resgatar essas “histórias apagadas”. De outro modo, ao dar voz ao sujeito Paulo Lima, a *Folha* “marca o que não é seu, projetando a imagem de alguém que justamente sabe o que é inclusão, ao passo que também projeta a imagem de um porta-voz dos sujeitos cujas ‘histórias foram apagadas’”. No referido enunciado, a *Folha* procura evidenciar o desca-so histórico contra a pessoa com deficiência.

Na interdiscursividade, o sintagma “histórias apagadas” aponta para as formações ideológicas dominantes cujas ações humanizadoras eram pautadas na exclusão, ou seja, não se podia mais exterminar a pessoa com deficiência, mas como forma de humanização, a exclusão passa a salvar vidas. Sobre o processo de exclusão que substituíra a desumanização dos extermínios de pessoas com deficiência em países como Grécia e Egito e no próprio Império Romano, Pereira e Saraiva (2017, p. 172) destacam que “com o advento do Cristianismo, isso mudou e a pessoa com deficiência passou a ser vista como criatura de Deus, possuidora de alma e não merecedora de castigo, mas de cuidados”. Assim como esse processo de mudança do extermínio para a exclusão, ponto no qual a sociedade passa a enxergar a desumanização como superada, na atualidade, o processo de radicalização da inclusão, ou seja, o recrudescimento do discurso de humanização enunciado pela *Folha de S. Paulo*, a partir da polifonia, projeta a imagem de uma sociedade na qual as práticas inclusivas são consolidadas com o “empoderamento do corpo com deficiência”.

Dessa mesma perspectiva, com o sintagma "Descobri que pela dança consigo desobstruir meus incômodos e falar sobre empoderamento do corpo com deficiência", produz-se o efeito de superação da inclusão por um processamento parafrástico cuja denotação indica a superação do preconceito a partir do próprio sujeito, como se a estigmatização do sujeito com deficiência não fosse mais externa, mas que só dependesse da forma com que o indivíduo com deficiência lidasse com isso. Ora, por meio do sintagma verbal "descobri", indicativo do verbo em primeira pessoa, apontando para o próprio sujeito da ação como o responsável por "desobstruir", "a partir da dança", "seus incômodos" e "falar sobre o empoderamento do corpo com deficiência", tem-se o discurso de autoajuda funcionando no silenciamento constitutivo (Orlandi, 2007) de uma luta histórica que não pode ser simplesmente vencida por ações isoladas, como "o empoderamento do próprio corpo". Esses efeitos de autoajuda entrelaçam com o discurso do sucesso midiático e com o discurso da inclusão, uma vez que, segundo Soares (2018a, p. 170), o discurso de autoajuda surge como a necessidade mercadológica de uma "literatura que 'guie' os que precisam de ajuda". Na SD2 a seguir, será aprofundado o exame dos efeitos de autoajuda engendrados nos discursos da *Folha de S. Paulo*.

SD2: De acordo com dados do IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil tem mais de 17 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que corresponde a 8,4% da população. [...] "A inclusão na arte passa por pessoas plurais" em todo o processo criativo, desde o roteiro, afirma Eduardo Oliveira [...]. A opinião é compartilhada por Priscila Jorge, coordenadora do Núcleo Dança Aberta. [...] "É a partir do encontro e da experiência que se transforma a mentalidade das pessoas." [...] O projeto oferece oficinas e cursos, além de realizar performances e espetáculos para provocar reflexões sobre um convívio social mais consciente (Ferreira, 2024).

A SD2 do discurso da *Folha de S. Paulo* inicia-se com o apontamento da crescente população de pessoas com deficiência, evidenciado pelo sintagma "pessoas com algum tipo de deficiência" e do índice desse crescimento, indicado pelo sintagma "corresponde a 8,4% da população". O poder argumentativo de tal estatística vem embasado pelo efeito de autoridade que a sigla IBGE causa, conhecida historicamente como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o qual proporciona pesquisas de várias naturezas— nesse caso, a quantidade de "pessoas com algum tipo de deficiência". A SD2 projeta inicialmente a imagem de uma sociedade cada vez mais consciente de que há

uma grande parcela da população com algum tipo de deficiência e que é preciso uma tomada maior de consciência sobre a estatística mencionada.

No entanto, o que se retoma nos parágrafos seguintes é a ideia de que a inclusão não é uma questão ôntica, isto é, natural e fenomênica, mas ontológica na qual o sujeito envolvido nas práticas inclusivas precisa sair do senso comum e buscar enxergar o que muitos não veem. De outro modo, ao lançar a opinião de Eduardo Oliveira e ao afirmar que a prática da inclusão é compartilhada por Priscila Jorge, o sujeito enunciador *Folha de S. Paulo* projeta os efeitos de “fluxo”, de “coletividade” e de “consonância de ideia” a partir do sintagma verbal “compartilhada”. Por meio desse enunciado, também projeta os efeitos de exclusividade, porquanto esse grupo de artistas, restrito e privilegiado, comunga de uma ideia não enxergada por todos, a saber, a inclusão “passa por pessoas plurais” e que, portanto, é uma questão pessoal.

Nesse sentido, os discursos da *Folha* que projetam a inclusão mais como uma questão pessoal do que uma questão natural, social e prática, como mencionado, encontra-se funcionando a partir do sintagma “pessoas plurais”. Esse sintagma causa o efeito parafrástico de autonomia, de um sujeito que se autoajuda e, por isso, consegue se sobressair sobre as demais pessoas. De acordo com Brissac (2019, p. 3), pessoas plurais “são pessoas automotivadas e com uma grande capacidade de serem multifuncionais e solucionarem problemas”. Ora, esses efeitos corroboram com a ideia de que a autoajuda engendra uma mudança puramente pessoal, “espiritual e psicológica em que o indivíduo *obtem* sucesso e realização pessoal” (Soares, 2021, p. 21, *italico* nosso), a partir de seus próprios esforços, silenciando constitutivamente (Orlandi, 2007) o fato de haver em sociedade o embate de formações ideológicas, relações de força e de poder, permeando os discursos do sucesso midiático e de autoajuda (Soares, 2018a).

Dessa perspectiva, compreende-se que esse conjunto de forças é constitutivo das formações imaginárias dominantes (Pêcheux, 1997). Essas projeções independem do esforço pessoal e da luta para continuarem funcionando, porquanto, ao solapar a realidade, tais representações se configuram, para os sujeitos que as sustentam, como se fossem a própria realidade. O que se desvela a partir dessa compreensão é que, ao interpelar os indivíduos

“com algum tipo de deficiência” em sujeitos “artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo”, a própria *Folha de S. Paulo* projeta as formações ideológicas dominantes que excluem os sujeitos comuns por meio da inoculação dos discursos do sucesso midiático e de autoajuda. Não são as pessoas comuns com deficiência que têm o poder de “questionar padrões” e de “combater o capacitismo”, mas aqueles que têm a voz midiática do sucesso, porquanto são envoltos dos atributos da fama e do prestígio (Soares, 2018a).

Esses efeitos de sentidos nos dizeres da *Folha*, dentre várias representações, projetam a consolidação de uma força mais dominante que a exclusão, a saber, o sucesso midiático. Também projetam, pelo discurso de autoajuda, a possibilidade de alcançar o sucesso a partir de um autoesforço, deixando pressuposto que há um passo a passo para alcançar esse objeto de desejo, essa posição de prestígio. Esses efeitos de sentidos que colocam o sucesso como algo alcançável se encontram engendrados no enunciado “projeto oferece oficinas e cursos, além de realizar performances e espetáculos para provocar reflexões sobre um convívio social mais consciente”. Ao posicionar os artistas como sujeitos que já atingiram o tão almejado sucesso e ao apontar que sujeitos comuns também podem adquiri-lo, mediante “oficinas e cursos” que promovem a “reflexão”, a *Folha* faz reverberar também a exclusão, porquanto esse tão aspirado produto de natureza neoliberal e individualista constitui os embates, a separação de classes e “as desigualdades das sociedades onde emerge” (Soares, 2022, p. 104). Na SD3 seguinte, serão examinados com maior profundidade os efeitos do sucesso.

SD3: [...] Gabrielzinho do Irajá, de 25 anos, é sambista cego. Lançou dois álbuns: "Ninar Meu Samba" e "Na Ciranda da Vida". Participou do álbum "Mais Feliz", de Zeca Pagodinho, compondo a música "Não Vou Magoar Meu Amor". Na infância, atuou na novela "América", da TV Globo. [...] Herbert Vianna, de 60 anos, é compositor, guitarrista e vocalista da banda Os Paralamas do Sucesso, importante na cena do rock nacional dos anos 1980 e 1990. Em 2001, ficou paraplégico após sofrer um acidente (Ferreira, 2024).

Inicialmente na SD3, percebe-se o uso de vários pré-construídos de sucesso (Soares, 2018a). Ao seguir a interdiscursividade desses pré-construídos, é possível perceber os sentidos de condições de produção anteriores e exteriores ao que “é construído na enunciação” (Courtine, 2014, p. 74). “Gabrielzinho do Irajá” pode até não ser tão conhecido como sambista cego,

mas por participar do álbum “Mais Feliz”, de Zeca Pagodinho”, e por atuar “na novela ‘América’, da TV Globo”, desponta-se como sujeito amparado pelos efeitos de sucesso, uma vez que o pré-construído “Zeca Pagodinho” evoca uma trajetória “regada” de holofotes de variadas publicidades. Nota-se que Zeca Pagodinho representa um pré-construído que faz emergir a voz como atributo de sucesso (Soares, 2022), e se ninguém ouviu a voz de Gabrielzinho do Irajá, “um sambista cego”, pode associar sua relevância no campo musical a partir de uma voz reconhecidamente famosa, a saber, a voz de sucesso de Zeca Pagodinho, a qual serve como fiadora e viabilizadora do sucesso de Gabrielzinho do Irajá.

Além disso, os pré-construídos “novela” e “América” também inflam a relevância do nome “Gabrielzinho do Irajá” por motivos semelhantes, porquanto os sentidos funcionando no sintagma “novela” amplificam a condição de sujeito de sucesso de Gabrielzinho do Irajá, uma vez que não é qualquer pessoa que pode atuar em novelas, cabendo, nesse sentido, um lugar de destaque para um “sambista cego”. O trecho da SD3 manda uma mensagem aos leitores da *Folha de S. Paulo*, e esta carrega consigo os efeitos metafóricos de que “as pessoas com deficiências ocupam todos os âmbitos da sociedade”. E mais que ocupar, elas podem alcançar o sucesso midiático. Ao considerar a interdiscursividade desses enunciados e, especificamente, dos pré-construídos supracitados, esses efeitos metafóricos conduzem veladamente os leitores a acreditar que, a partir da conquista do sucesso, é possível dissolver a historicidade do “jogo ideológico: dominante X dominado” (Soares, 2018a, p. 179). Para além da dissolução da luta de classes, tais enunciados fazem reverberar paráfrases de que a “exclusão se vence com a força do sucesso”, conclusão contraditória quando se compreende que o funcionamento do sucesso é justamente a exclusão e o alargamento da luta de classes.

A ideia de que o sucesso é algo alcançável, até mesmo para as pessoas com deficiências, recobre toda a matéria da *Folha de S. Paulo*, e esse pensamento funciona a partir da configuração sintático-semântica das orações mobilizadas pela *Folha*, como pode ser percebido na SD1 e SD2. Há sempre a disposição de elementos linguísticos do campo semântico do sucesso midiático associados ao campo semântico da deficiência. No período “Herbert Vian-

na, de 60 anos, é compositor, guitarrista e vocalista da banda Os Paralamas do Sucesso, importante na cena do rock nacional dos anos 1980 e 1990. Em 2001, ficou paraplégico após sofrer um acidente”, tem-se o pré-construído de sucesso (Soares, 2018a) “Herbert Vianna” caracterizado por ficar “paraplégico após sofrer um acidente”. Se não houvesse os caracterizadores de precisão e restrição “guitarrista e vocalista da banda Os Paralamas do Sucesso”, somente o nome “Herbert Vianna” daria conta de preencher as demais qualificações do vocalista, porquanto, na interdiscursividade (Courtine, 2014), o mencionado pré-construído de sucesso já evoca, por si, memórias (Achard, 2015), isto é, já-ditos de um sujeito “importante na cena do rock nacional dos anos 1980 e 1990”.

Ainda sobre os sentidos que emergem nos dizeres da *Folha* sobre Herbert Vianna, o fato de muitas pessoas ficarem “paraplégicas após sofrerem um acidente” não é motivo suficiente para ser destaque na mídia. Isso acontece constantemente, por todo o mundo, a todo momento. No entanto, na discursivização da *Folha*, serve como sustentáculo para o alinhavo argumentativo na matéria midiática, dando suporte às outras construções enunciativas nas quais o sujeito de sucesso (Soares, 2018a) deve se apresentar como pessoa com deficiência, tanto para silenciar (Orlandi, 2007) a exclusão dessas pessoas no campo midiático quanto para corroborar e reforçar a ideia de que a própria mídia parece “dar voz aos excluídos”. No entanto, como ressalta Soares (2018a, p. 180), deve-se compreender que “fazer parecer é um dos mais essenciais usos da mídia”. Assim, juntamente com os sujeitos de sucesso, a mídia parece estar contribuindo para “questionar padrões e combater o capacitismo” (SD1); faz parecer que “a inclusão na arte passa por pessoas plurais” (SD2), sendo a exclusão mais uma atitude pessoal do que uma força social dominante; aparentemente dissolvendo, por via do sucesso (SD3) e da autoajuda, a relação dominante X dominado.

Considerações finais

Por meio desse trajeto analítico, foi possível observar o papel das memórias como constitutivas dos sentidos (Achard, 2015), arrematando a for-

mação discursiva da inclusão; o discurso como uma noção que ultrapassa o esquema linear de transmissão de informação e desmistifica a objetividade da língua (Orlandi, 2015), dissolvendo a ilusão de que a inclusão é um processo puramente ontológico e permitindo reconhecê-la como uma ramificação histórica do discurso de humanização. Também foi observado que o interdiscurso, isto é, todos os já-ditos de um dado campo do saber (como o discurso de humanização), sustenta cada tomada dos dizeres no intradiscurso, lugar da formulação enunciativa, da retomada de pré-construídos; ainda foi possível depreender que os discursos do sucesso midiático, atrelados ao discurso de autoajuda, podem, por diversos fatores, potencializar outros discursos os quais retroalimentam as formações imaginárias sobre o empoderamento do corpo com deficiência como representação da realidade a qual coloca a inclusão como ideologia dominante, superando a exclusão, silenciando constitutivamente (Orlandi, 2007) o fato de haver exclusões latentes no meio social.

Pelo exame das Sequências Discursivas, também foi possível constatar certos sintagmas recorrentemente utilizados nos discursos midiáticos para reforçarem sua imagem como empresas politicamente corretas. Pela interdiscursividade, viabilizou-se a compreensão de que o discurso como materialidade de entremeio que une duas condições de produção distintas, o contexto sócio-histórico⁵ e o contexto imediato⁶ (Orlandi, 2015), causam o efeito de uma linearidade, de um prolongamento histórico de retomada de dizeres a partir dos processamentos parafrásticos (Soares, 2018b). Assim, sintagmas como “extermínio”, “exclusão”, “deficiência”, “síndrome neurológica”, “mobilidade”, “cadeirante”, “falta de representatividade”, “integração”, “pessoas plurais”, “práticas inclusivas”, “corpos que têm diferentes habilidades”, “empoderamento”, “corpo com deficiência”, “pessoa com deficiência”, “acessibilidade” etc. fazem parte de já-ditos, de pré-construídos os quais formam o conjunto interdiscursivo do discurso de humanização que se ramifica e se faz representar na atualidade pelo discurso da inclusão.

Também foi possível perceber que o discurso da inclusão é a formação imaginária mais atual do discurso de humanização. Ao se radicalizar, nos últi-

⁵ Constituído por memórias (Achard, 2015), já-ditos, e apagado por forças materiais como o espaço/tempo e os esquecimentos de ordem enunciativa e ideológica (Pêcheux, 1997).

⁶ Os dizeres na atualidade enunciativa.

mos tempos, sua massificação tem alcançado outros campos, como o midiático, ramificando-se e potencializando-se ao se entrecruzar com outros discursos cujo potencial heurístico possibilita a eficácia de sua aceitabilidade discursiva, a saber, o discurso do sucesso midiático e o discurso de autoajuda (Soares, 2018a). Por fim, percebeu-se, em sua radicalização da inclusão, que os discursos midiáticos utilizam os mencionados efeitos de sentidos como ponte para combater padrões e o capacitismo, produzindo assim as condições de emergência ideais que, além de retroalimentar a própria mídia, possibilitam a comercialização do sucesso e da autoajuda como produtos adquiríveis a partir de livros, oficinas e cursos.

Diante dessas considerações, também foi possível entender, com o percurso discursivo empreendido, como tal discursivização midiática silencia constitutivamente (Orlandi, 2007) a realidade de escolas cujas práticas ainda são de exclusão, pela falta de acessibilidade não só aos logradouros, mas principalmente a práticas pedagógicas inclusivas; a realidade da própria mídia que peca na difusão de esportes ou eventos paraolímpicos, dando apenas uma parca divulgação em seus telejornais; e a realidade em concursos públicos, os quais ainda oferecem uma porcentagem mínima para candidatos com deficiência. Por essa razão, torna-se premente a continuidade dos estudos sobre os efeitos do sucesso midiático e de autoajuda, engendrados nos discursos de humanização. Esses que, por diversos períodos da história, tomaram diferentes perspectivas, dependendo da formação ideológica vigente, e que, na atualidade, reveste-se sob a égide da radicalização da inclusão ao trazer a reverberação histórica em sintagmas, como “empoderamento da pessoa com deficiência”, fazendo parecer que, pela inclusão estar na ordem do dia e aparentemente comandar a visão de mundo vigente, amparada por marcos teóricos e legais históricos, a exclusão é somente uma exceção que precisa ser combatida.

Referências

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. *In*: ACHARD, P.; DAVALLON, J. *et al.* **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 11-19.

BOUCHER, D. F.; SOARES, T. B. Resignificação da pandemia: aceitabilidade no discurso midiático. **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, v. 7, n. 15, p. 120-147, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.35501/dissol.vi15.920>. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/920>. Acesso em: 21 mar. 2024.

BRISSAC, C. **A singularidade de ser plural**. [São Paulo]. Fev. 2019. Blog: People & Result. Disponível em: <https://peopleandresults.net/a-singularidade-de-ser-plural/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20automotivadas%20e%20com,a%20novos%20respiros%20e%20experi%C3%AAs>. Acesso em: 27 mar. 2024. p. 3-5.

CAVALLARI, J. S. O equívoco no discurso da inclusão: o funcionamento do conceito de diferença no depoimento de agentes educacionais. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 667-680, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982010000300009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/Q6fYHjfQr7hdhctMTFXpZGt/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

COSTA, D. F. *et al.* Educação Inclusiva: breve contexto histórico das mudanças de paradigmas. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, n. 92, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/educacao-inclusiva-breve-contexto-historico-das-mudancas-de-paradigmas>. Acesso em: 23 mar. 2024. ISSN 2236-6717

COURTINE, J.-J. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

FERREIRA, C. Conheça artistas que questionam padrões e combatem o capacitismo. [São Paulo], **Folha de São Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/12/conheca-artistas-que-questionam-padroes-e-combatem-o-capacitismo.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CONHEÇA O GRUPO FOLHA. **Folha de São Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. **Langages**, a. 6, n. 24, p. 93-106, 1971. DOI: <https://doi.org/10.3406/lgge.1971.2608>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1971_num_6_24_2608. Acesso em: 24 mar. 2024.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F; HAK,

T. (orgs.); MARIANI, B. S. (trad.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a. p. 43-51.

PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. (trad.) **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015b.

PEREIRA, J. A.; SARAIVA, J. M. Trajetória histórico social da população deficiente: da exclusão à inclusão social. **SER Social**, v. 19, n. 40, p. 168–185, 2017. DOI: https://doi.org/10.26512/ser_social.v19i40.14677. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14677. Acesso em: 22 jun. 2024.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOARES, T. B. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. *In*: SOARES, T. B. (orgs.) **Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, T. B. **Percorso linguístico: conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, T. B. Literatura de autoajuda: uma análise discursiva dos efeitos do sucesso na obra "o sucesso está no equilíbrio". **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 36, p. 21-30, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3162>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SOARES, T. B. **Percorso Discursivo: heterogeneidades epistemológicas aplicadas**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

VIZIM, M. Educação inclusiva: o avesso e o direito de uma mesma realidade. *In*: SILVA, S.; VIZIM, M. (orgs.) **Políticas públicas: educação, tecnologias e pessoas com deficiências**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. p. 49-71.